

Anno 1º

Rio de Janeiro

Nº 32

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO

de Angelo Agostini

R. OUVIDOR 109



Honrando esta pagina com o retrato do maior artista
brasileiro, Don Quixote presta devida homenagem ao grande
escultor e à arte nacional.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL	ESTADOS
Anno..... 20\$000	Anno..... 24\$000
Semestre ... 12\$000	Semestre ... 14\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, assim de facilitar-nos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote a... olho (e ha muitas !...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difícil obtel-o.

Aos nossos assignantes, cuja assignatura terminou no fim de Junho, recommendamos que, caso queiram reformal-a, o façam em tempo para lhes não ser interrompida a remessa deste semanario.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 11 de Setembro de 1895.

A AMNISTIA

Não está tudo perdido. Ao grande acto politico da pacificação do Rio Grande do Sul, em que o illustre Presidente da Republica encontrou para auxiliar o nobre general Innocencio Galvão, respondeu o Senado com a lei da amnistia geral, que é o complemento obrigado da convenção patriótica de 23 de Agosto. D'esta sorte um dos ramos do poder legislativo acudió sollicito á indispensavel consolidação da paz, entendendo, e entendendo bem, em seu alto criterio, que era chegado o momento de abrir os braços aos Brazileiros e de convida-los á colaboração pacifica e amistosa no seio da patria, á sombra da liberdade e da lei.

E' certo que ainda alli, no seio d'essa respeitável corporação, surgiram desconfianças e rancores, gritos de odio velho que não cansa, manifestações de hostilidade franca aos militares, de cujo contacto com os seus camaradas fieis ao governo do marechal Floriano se temem attritos perigosos. Mas a palavra eloquente dos Srs. Ruy Barbosa e Gomes de Castro desfaz esses temores vãos, sinão phantasiados. Ha nas proprias leis vigentes o meio de remediar tales inconvenientes, dado mesmo que elles fossem reaes, sem manchar a formosa lei da amnistia com uma restrição odiosa e funesta.

O Senado votou por grande maioria a lei benefica, e ella alii vai caminho da Camara dos Srs. Deputados pedir a sancção dos immedios representantes do povo.

A campanha dos devotos da guerra, que hoje não tem mais para onde appellar sinão para este ultimo reducto de negar aos militares os benefícios da amnistia, inutilizando d'esta sorte a lei e deixando no horizonte um ponto negro, d'onde possam vir tempestades, — a campanha dos devotos da guerra, pela maior parte oriunda dos amigos ursos do governador Julio de Castilhos, insinúa que a Camara não acceptará a amnistia ampla, que a deputação paulista quasi unanimemente não quer sem restrições, que a Patria corre eminent perigo em uma palavra.

Até que ponto isso é verdade, difícil seria dizer com segurança.

Mas, assim como somos impiedosos, inexoraveis na condemnação do erro e de tudo quanto offende a justica ou deslustra a civilização, — assim tambem somos sempre propensos a acreditar que os homens são menos maus do que parecem.

Por razão de alta politica ha de a Ca-

mara rejeitar a amnistia geral, que lhe chega aureolada pela votação do Senado e pelas aclamações do povo? Se os militares forem collocados em disponibilidade ou no quatro extraordinario, e só entrarem em serviço quando o governo tiver reconhecido que d'ahi não provém mal algum para a harmonia das classes armadas ou para a ordem publica, onde o perigo?

Dir-se-ha que o governo vai chama-los antes de tempo? Mas isso seria negar aquillo mesmo que todos hoje proclamam, gregos e troyanos: a intiereza de caracter, a prudencia e o tino do Presidente da Republica. Ninguem tem mais interesse do que elle em não encontrar tropeços d'esta natureza na sua administração.

Será então o odio invencivel, implacavel contra irmãos? Mas não é crivel que a grande maioria da Camara se deixe arrastar por esta paixão ignobil. Ella ha de ver que hoje, depois da suffocada revolta ha mais de um anno e depois da deposição d'armas dos federalistas do Rio Grande do Sul a 23 de Agosto, não ha necessidade de outra cousa para voltarmos ao caminho da prosperidade, senão de completa paz. Ora, a recusa da amnistia geral manteria, senão accenderia ainda mais vivo o fogo das parcialidades que se bateram, o azedume dos espíritos em todo o Brazil cresceria com razão em vez de apagar-se, e a pacificação assignada em Pelotas não passaria de um engodo falsissimo, aos olhos da Nação.

E a Camara quererá arcar com a tremenda responsabilidade d'este resultado? Fóra um crime.

Quando o illustre presidente tudo fez para chegar-se ao ponto auspicioso em que nos achamos; quando um benemerito general não duvidou expôr-se a doestos e censuras para alcançar o maior bem da Patria; quando dignos senadores, que nunca pactuaram com a revolução, deram o bello exemplo de sopitar as suas queixas e accitaram a amnistia; quando o povo anceia por este complemento da obra firmada pelo general Innocencio Galvão, é que a Camara —immediata representante do mesmo povo— a irá negar?

Não queremos crê-lo. Fóra um crime, repetimos.

ANGELO AGOSTINI

Seguiu hontem para a Europa, a bordo do paquete *Chili* o director do *D. Quixote*, Angelo Agostini. Noso companheiro e amigo effectua esta viagem no intuito unico de adquirir material com que possa melhorar e aperfeiçoar esta folha, e de modo a corresponder com justiça ao assignalado favor publico com que tem sido distinguido o *D. Quixote*. Será sua demora de dous mezes apenas; mas ainda assim, viajando, não só da travessia pelo oceano como dos pontos em que se encontrar do velho continente, enviar-nos-ha em quadros algumas das impressões recebidas pelos seus companheiros inseparáveis e que elle leva consigo —D. Quixote e Sancho Pança.

Viagem feliz e regresso no prazo assignado —são nossos votos.

"RIO DE JANEIRO"

Mais um collega, e distincto.

Seu brilhante programma —esforçar-se pela verdade do sistema republicano e pela estabilidade da federação —dá a justa medida da superioridade intellectual dos seus redactores, homens affetos aos incruentos combates da imprensa.

Ao director do *D. Quixote* coube a elevada honra de servir de padrinho ao novo collega: mas um titulo para justificar a sympathia com que recebe o gentil afillado, para o qual deseja todas as venturas e prosperidades.

Ao Dr. Cavalcanti Mello, redactor-chefe, e a seus companheiros do *Rio de Janeiro* nossos affectuosos cumprimentos.

ATÉ QUANDO?

Não é debalde que se clama ha muito tempo contra a situação misera e mesquinha, em que ficou o estado de Santa Catharina depois da chamada restauração da legalidade em Maio de 1884. Disse-se com insistencia que o verdadeiro estado de sitio alli perdura.

Querem mais uma prova?

Um jornalista critica actos do governo ou causa mais séria ainda, atira insinuações graves á administração do Estado. Em qualquer parte do mundo civilizado esse redactor é punido de acordo com as leis, se por ventura as transgrediu; mas em Santa Catharina, o jornalista é *esborrado*, e os esbirros do governador empastellam e destroem a typographia do jornal.

Pode alguém atrever-se a dizer que isto é o regimen da liberdade tão ardenteamente sonhado pelos republicanos sinceros?

Infeliz estado! Não te bastaram as paginas luctuosas de 1894, em que teu nome ficou ligado á mais abjecta das selvagerias: espingardear prisioneiros sem forma de processo, na treva ignominiosa do segredo. Não te bastavam as lagrimas que choraste por tamanha deshonra. O chamado regimen da lei renova os escandalos do arbitrio e da violencia, amordacando, vilipendiando a imprensa livre e independente, e ainda encontra um senador ousado que se incumbe de defendê-lo, sob pretexto de que em outros lugares se tem feito a mesma cousa.

Ora, isto é inconcebivel, e se os graves senadores já não tivessem feito a devida justiça ao defensor do processo da bordoeira, condemnando-o implicitamente com as risadas que o atiraram á valla commun, seria o caso de applicar-lhe o caustico.

Mas em summa, o facto escandaloso deu-se com o Dr. Honorio Cunha, redactor do *Correio da Manhã*. Isto não terá um termo?

RODOLPHO BERNARDELLI

Podem dizer que sou suspeito, quando fallo d'este grande artista, que considero o maior de toda a America.

Sim, suspeito me julgam, porque em geral entre nós, quando se é amigo de alguém entende-se dever elevar esse alguém ao setimo céu; e quando se é inimigo, atiral-o ao... decimo quarto inferno!

Eu sou amigo, com o que muito me honro, do Rodolpho Bernardelli e de seus irmãos Henrique e Felix; e se acho que esses tres irmãos são tres perolas é porque é a verdade e não porque sou amigo.

Nada conheço de mais sincero, de mais honesto, de mais leal, de mais trabalhador, de mais generoso e de mais artista do que elles.

Se até agora fiquei calado, é porque não tenho jeito para louvores e se o faço hoje é porque estou com o pé no estribo, ou antes, na lancha que me leva a bordo do *Chili*. Assim não verei as caras encalistradas do Rodolpho e do Henrique, e ficarei livre da descompostura que, com certeza, me passariam por ter dito o que penso.

E que além de todas as qualidades que acima mencionei, ainda elles possuem a da modestia, o que é hoje bem raro. Um exemplo:

Por occasião da inauguração da magnifica estatua do Osorio e apezar das instancias minhas e de alguns amigos de não deixar de comparecer á festa, só se ouvia dizer na archibancada depois de descoberta a estatua: « Onde está o Bernardelli? Queremos abraçal-o »; mas ninguem o viu.

Sabem, meus leitores, onde estava o grande sculptor, o autor de uma das mais bellas estatuas equestres do mundo? Na esquina da rua 7 de Setembro e do largo do Paço, por entre o Zé Povinho, não tendo outra preocupação senão em ver se a cortina que cobria o monumento cahiria bem.

E mais tarde quando lhe perguntei porque razão elle não foi....

— Pois não estive lá, representado pela propria estatua? respondeu elle.

O Dr. Araujo, da *Gazeta*, e o Dr. Brissay, são testemunhas do que acabo de contar.

Afinal, os amigos do grande artista encontraram-no na casa do André de Oliveira, um bom rapaz, a melhor droga da sua drogaria.

Entretanto eu vi, aqui no Rio de Janeiro, artistas grudarem-se diante de seus quadros dias inteiros para contemplarem sua obra e receberem elogios dos que iam mediante quibus, admirar as telas... ou as molduras.

Ultimamente, haverá apenas um mez, achava-me no atelier Bernardelli, e vi quantidade de barro atirado sobre umas taboas. Oito dias depois esse barro tinha a forma de uma mulher. No fim de quinze dias essa mulher era uma india afogada, arremegada à praia e meia encoberta pelas aguas do mar.

O trabalho estava pronto, Bernardelli fez em dias o que outros artistas de grande nomeada fazem em meses e em annos.

Não fallo na execução; limito-me a tirar o chapéu e declaro bem alto que quando um artista como o Rodolpho Bernardelli expõe um trabalho seu em publico, é porque elle tem certeza de que a sua obra exprime, não só o seu pensamento, mas tambem uma execução conscientiosa e perfeita, devida a um talento excepcional e a um amor á arte como poucos tem.

Fazer um corpo humano, meio mergulhado n'agua é de uma audacia que só quem tem consciencia da sua força pôde executar em escultura.

O gesso porém, é uma materia opaca que não se presta ao efecto; no marmore, é que Bernardelli conta obter a transparencia e o movimento da agua que, no gesso, apenas indicou.

A Moema, é o nome de mais essa obra prima que produziu aquelle gigante, o maior vulto artistico brasileiro.

A. AGOSTINI.

A CRITICA

Um conselho de amigo aos Srs. criticos e principalmente aos Cosmes.

Por mais talento e illustração que tenha um escriptor, nunca este pôde ser bom critico, sobretudo de bellas-artes, quando em primeiro lugar lhe faltam os conhecimentos necessarios para tratar do assumpto, e o sentimento natural que tem todo individuo, embora não critico, diante do que é bello.

Quando, a estes requisitos, se junta a falta de bom senso e de patriotismo, em querer amesquinhar, não só as nossas melhores obras artisticas, como tambem o talento e o caracter de quem os executa, vê-se que a pena do critico, embora bem aparada, não é guizada senão pela raiva e o despeito—duas cousas feias que, não sendo baseadas em causa alguma que as motive, dão em resultado o profundo desprezo pela critica e desconsideração pelo escriptor.

Eis o que tem ganho o Sr. «Cosme Peixoto» como critico de arte.

O publico deve convencer-se de que perante um vulto como Rodolpho Bernardelli, o seu detractor, o famoso critico... «Cosme Peixoto» ou «Cosme de Moraes» (respeito sempre o anonymo) não passa de um pygmee perante a historia.

O glorioso nome do artista ahi fica, e para muitos seculos, gravado no marmore e no bronze. Todos fallarão d'elle como fallamos hoje de Phidias, Praxiteles e Miguel Angelo; ninguem se lembrará do cidadão, embora illustrado, que assigna as suas criticas com pseudonymo.

E o unico lampejo de juizo que o... Cosme tem tido é não pôr o seu verdadeiro nome por baixo dos seus aggressivos artigos.

E como tambem por minha parte tenho esse nome em consideração -menos em questão de arte—não o ponho aqui para que elle não fique desconsiderado.

Estou até convencido de que chegará um dia, em que o proprio Cosme dirá, ao ver as obras de Bernardelli: *Chapeau bas.*

Não é só na politica que ha jacobinos, em arte tambem os ha. Estes formam um grupo a parte e não concorrem com os seus trabalhos ás exposições annuaes da nossa Escola de Bellas-Artes.

A maior parte d'elles, segundo me consta, são positivistas.

Até nisso se metteu essa peste!

O que é porém positivo, é que elles nada fazem, que se veja.

Engano-me: fizeram um annuncio para uma exposição de seus trabalhos, que devia ter lugar em Maio d'este anno!

Não censuro ter esse grupo de artistas se separado da Escola Nacional. A arte é livre e pôde manifestar-se como e onde quiser. Mas quando?

Será em Maio do proximo anno?

Deus o queira, e cá estamos para recebel-a com o maior prazer.

Pedimos, até, ao Cosme, que me dizem ser o chefe dos jacobinos-artistas, que os anime a não faltar.

A. A.

NOSSO SALON

Como fôra anunciado, abriu-se a exposição artistica da nossa Escola Nacional de Bellas-Artes no dia 1º de Setembro.

A chuva, que desde pela manhã caiu sem cessar durante o dia inteiro, não dava esperança de ter a exposição um grande numero de visitantes.

Ainda assim, muitos dos verdadeiros amadores compareceram a esta festa artistica, notando-se entre elles, o Sr. Barão de Quartim, a quem louvamos pela sua proteccão á arte e aos artistas a quem anima, comprando-lhes seus trabalhos.

O que porém causou maior admiração, em vista do mau tempo, foi a chegada do Presidente da Republica, ao meio-dia em ponto, acompanhado do seu secretario Dr. Rodrigo Octavio e alguns distintos militares.

O Chefe do Estado quiz mostrar que elle não prescindia de honrar com a sua presença uma das nossas melhores manifestações do progresso nacional, a arte.

Por meio d'ella é que se conhece o grão de adiantamento dos povos, tanto no presente como no passado. Por isso, hoje, contemplamos admirados os bellos monumentos e primorosas estatuas que nos legou a Grecia, e cuja execução data de muitos seculos antes da era christã.

Tambem compareceram os ministros Gonçalves Ferreira, Antonio Olyntho e Elisiario Barbosa, o presidente do Senado, Dr. Manoel Victorino e o da Camara, Dr. Arthur Rios.

O professor Rodolpho Bernardelli, director da Escola, acompanhou, em toda a sua visita o Dr. Prudente de Moraes, que examinou com attenção todos os quadros da secção de pintura e outros trabalhos, notando, com justica, os que lhe pareciam melhores.

Esta visita, que durou perto de 3 horas, é o melhor indicio da alta consideração que deram á arte e portanto á sua prosperidade, o Sr. Presidente da Republica, o seu governo e o Congresso, representado pelos seus dignos presidentes.

A estes illustres brasileiros nossas sinceras felicitacões e ao digno director da Escola das Bellas-Artes os nossos parabens.

RABISCOS

Ha momentos na vida do homem que....

E por isso, sexta-feira, dia de preceito e vespera de sabbado, encontrei-me repentinamente sorumbatico e atacado de invencivel spleen. Caminhava a esmo por essas ruas de Christo; tudo em volta, afigurava-se-me triste, merencorio; um tedio enorme invadia-me a alma, e assaltava-me o espirito a ideia de um suicidio *sui generis*, que dêsse que fallar ao mundo, fizesse gerarem os prélos, revolucionasse a humanidade.

Cheguei até o cumulo de pensar em traduzir o espirito do Sr. Glycerio e compreender qual a sua opiniao, ao certo, sobre a paz no sul... novo genero de suicidio lento mas efficaz, indolor porém irremediavel.

Nesse estado de semi-desesperação, fui por ahí alem, caminhando ao acaso, dirigindo-me não sei para onde; e quando dei acordo de minha importante pessoa, achava-me onde? na casa onde funcionam de senadores os Srs. João Cordeiro e Abreu Gordo; e nobremente

repimpado em um banco das galerias, alli encontrei-me, sem saber como, fixando insistentemente a figura do Sr. Vicente Machado, do Paraná e do kilometro.

Estava eu, pois, no senado; e era uma sexta-feira, dia aziago.

Mal comparando, aquelle é de nossos teatros, o mais commodo. Em preço, sobretudo; não se paga nada à entrada, e menos ainda paga-se à sahida. De resto, os spectaculos effectuam-se à luz do sol; e quem não tem em dia a escripturação do seu somno, pôde regularmente a noite, revivendo os periodos flammejantes do verbo inflammando do supracitado senador Vicente ou recordando os trópos de linguagem e as pompas de rhetorica finamente castilhista do Sr. Ramiro Barcellos.

Pois, meus senhores! Uma vez alli instalado, senti dissipar-se immediatamente o meu profundo tédio; a minha alma debruçou-se à janella que dá para os horizontes azuis do riso e da ventura; e, palavra de rabiscador, julguei-me um homem feliz, que tirou o premio n'un bilhete de bichos em que era ganhante o burro!

Porque, não sei se sabem, é este illustre animal aquelle que, consoante á trova conhecida

«Se fores ao mar pescar
«E a fortuna te não deixe...»

dá meliores premios — quando os dá, e isso segundo a affirmação auctorizada de um meu amigo, Oscar de nome.

Imagine o meu numeroso leitor que uma verdadeira surpresa estava reservada aos frequentadores das galerias do theatrinho da rua do Areal, *quorum exiguum pars eram*: subia á tribuna um distincto representante do Paraná. Fallava o Sr. Esteves Junior!

Por mais inverosimil que pareça ser esta narracão, o facto evidente e indiscutível é que o senador da terra do matte pronunciou um discurso, e o que mais é, conseguiu aquillo que em gyria de estudante se chama um *brillaretur*.

Estupendo! Simplesmente phantastico!
E era sexta-feira!

Não se pense que eu ponha em duvida a rasgada e captivante rhetorica parlamentar do Sr. Junior... E que S. Ex., avaro dos seus thesouros de eloquencia, ou eivado de uma modestia irreprimivel, esquia-se tanto da tribuna, que a muita gente era permitido suppôr que S. Ex. fazia uma concurrence desleal ao peixe, de que é tão fertil sua terra natal — no mutismo.

D'ahi a surpresa, a estupefaccão geral, no recinto e nas galerias, quando esse illustre avô da patria, rompendo o silencio que é o apanagio da representação catharinense n'aquelle casa, pediu a palavra, obteve-a, levantou-se, concertou a garganta, pôz fora o pigarro e... e fallou!

De sorte que já não tem razão de ser a crença em que todos nos achavamos, de que Santa Catharina havia despachado por engano os Srs. Horn, Richard e o sobredito Sr. Junior para o casarão da rua do Areal, quando o ponto de destino que lhes era assinalado parecia ser o humanitario Instituto dos Surdos Mudos...

Ah! que não me seja dado transcrever para aqui, como um enfeite de primeira ordem n'estas desnudas columnas, a peça de eloquencia do Sr. Esteves, emitida n'aquelle para sempre memorável sexta-feira, e do alto da tribuna do senado!

No genero humoristico, nada de mais suggestivo e mais encantador! E depois, que agudeza de conceitos, quanta elevação de idéas, que primor de linguagem douradamente lavrada...

Manes de Cicero! Cinzas de Demosthenes! Tradições de Castellar! Tudo, tudo *enfonce!*

E eu sem poder transplantar para o D. Quixote todo aquelle rapto de eloquencia, cathecismo de oratoria, arrubo de verbiagem parlamentar!

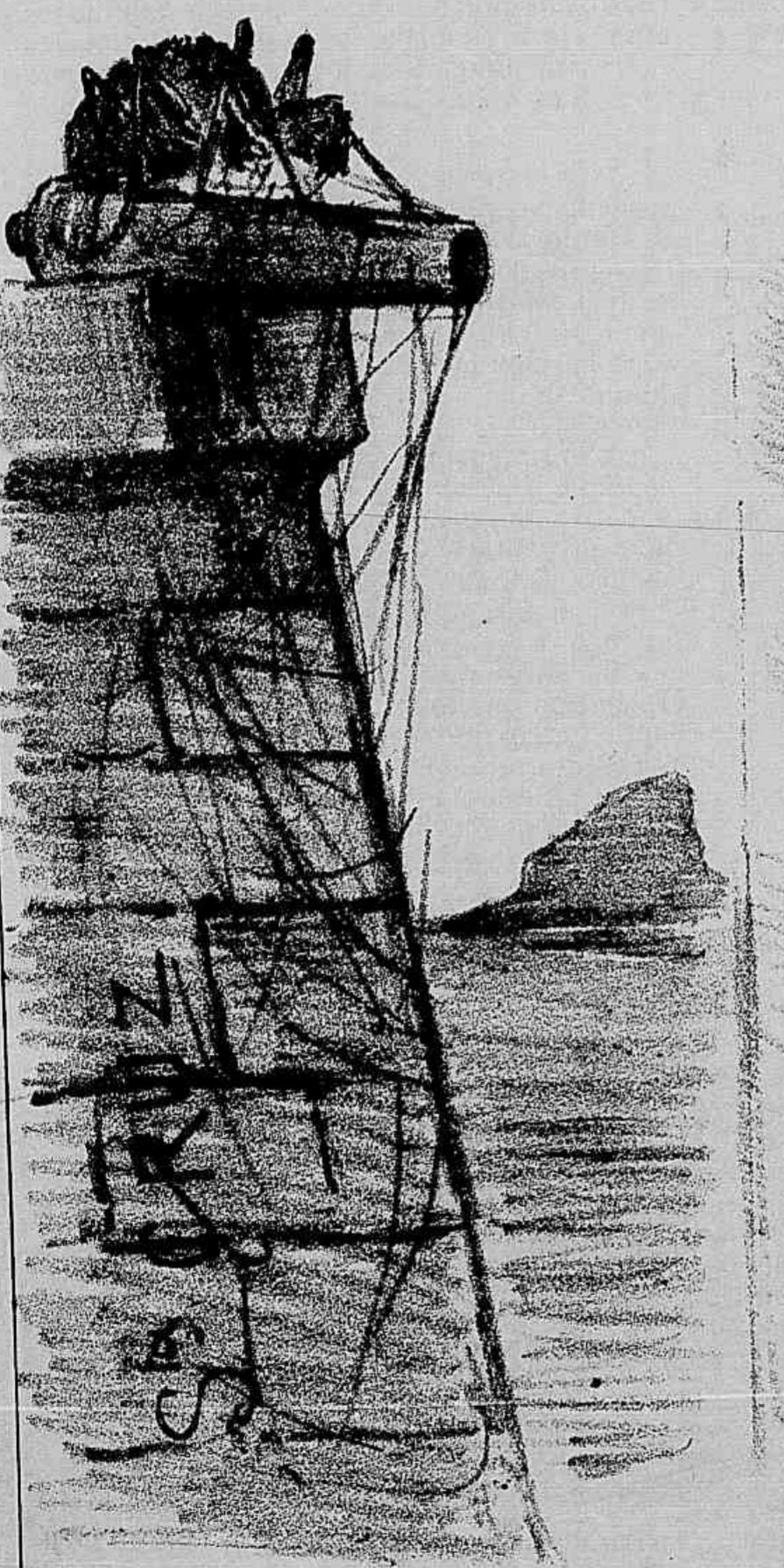
E' mesmo para lamentar!

Para, entretantanto, repartir com o meu



Mal plantou-se a arvore da paz que
vorazes formigas pretendem destrui-la. Pela
direccão que tomam esses bichos daninhos, uns
para o Sul, outros para outros jacobinos resiste a
necessidade

de, quanto antes, attacar-lhe um energico for-
mida, que as faça voar pelos ares.



Boatos terríveis, à ultima hora: a
prisão do presidente da Republica no
Lazareto, a aranha da conspiração a
carvalho em S^a Cruz, disposta a não o
deixar passar caso ainda não viesse
preso!



Mas felizmente dissiparam-se tais boatos, subsistindo apenas
o que se refere a dois generaes que, contrarios à amnistia am-
pla, já estão preparados para irem esse pessoa dirigir a
guerra nos campos do Sul. Catarriba!



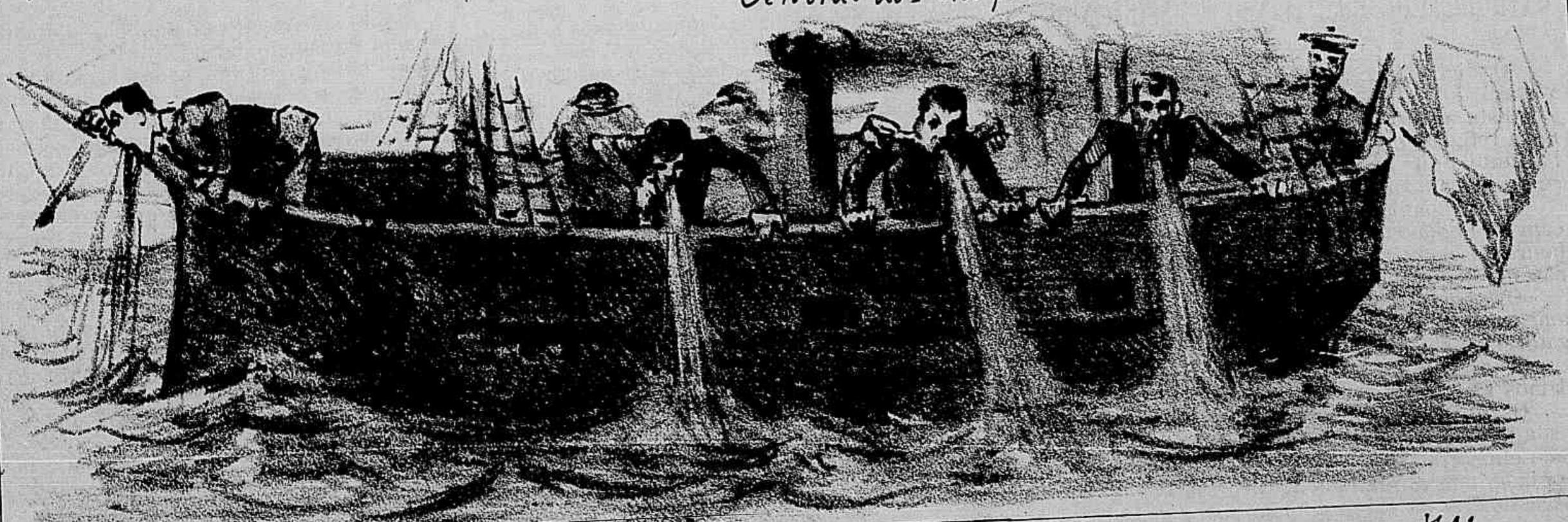
Resultado da falta de pagamento, da
intendencia a um nobre empregado, e d'este ao
proprietario: no olho da rua.

Acerca de limpeza...



a: mais perfeita - ou pre-
feita é a dos cofres da intendencia.

Precações necessárias aos viajantes da E.F.
Central dos choques do Brazil.



O Sr. presidente da Republica e comitiva já lucrarão com a viagem a Ilha gran-
de: pelo menos trazem os estomagos limpos.

nuinero leitor um pouco do grande gaudio que tive ouvindo tão extraordinario discurso, vou collocar-lhe sob os olhos anciosos e risi-sedentos, alguns pedacinhos de ouro que peço venia ao nosso venerando decano, o *Jornal do Commercio*, para destacar do seu bem elaborado extracto d'aquelle brilhantissima oração :

Trata-se do caso de Santa Catharina, em que foi victimo o redactor de um jornal e agressor o proprio governador do Estado, o Dr. Hercilio Luz... Opiniões e conceitos do Sr. Esteves, a esse respeito:

«... O Sr. Luz é tão pacato e imbell que não tem coragem de atacar uma pulga...»

«... o diabo não é tão feio como o pintam...»

«... quando o patriotismo lhes quer mostrar (aos federalistas) de que pão é a canoa...»

«... esse Dr. Cunha é que se metteu em camisa de onze varas...»

«... para que veiu então bolar com Floriopolis que vai marchando quieta em seu cantinho?...»

«...acha então que o governador devia ingenuamente deixar fazer carreira uma folha embuçadamente maragata?...»

etc. etc. etc.

Depois d'isto só me resta defender as sexteiras da pecha de dia ariago que calumniosamente lhes emprestam, pois aquelle dia era sexta-feira e foi o mais alegre, o mais venturoso de todo a minha existencia, por ouvir o notavel orador cuja facundia teve a força de espancar o tedio, em que vinha immerso o meu espirito.

E agora um pequeno e simples requerimento ao digno presidente do senado:

Sr. Dr. Manoel Victorino: V. Ex. não podia dar-nos diariamente um pouco, um poucochinho só, do Sr. Esteves Junior — para distrahir-nos?

LEO.

TELEGRAMMAS

(SERVICO ESPECIAL DO « D. QUIXOTE »)

TONY A LÉO

— Tens lido noticias França Madagascar?

LÉO A TONY

— Tenho lido franceses mandam cascar nos Hovas.

TONY A LÉO

— Explica razão França não gosta Hovas?

LÉO A TONY

— E rainha Hovas que insurge contra França; por isso franceses guerra Hovas rainha.

TONY A LÉO

— Peço rectificação: hovas rainha ou ovais rainha?

LÉO A TONY

— Tu muito estupido: parece leste hontem discurso Vituca Guerreiro Monteiro.

O estacionario,

ORÓ WESTERN.

CATHOLICISMO, POSITIVISMO E ESPIRITISMO

O diabo leve o positivismo e os positivistas!

Esta historia de querer impingir-nos uma nova religião, e que religião! como se não fosse bastante a que temos, é um desproposito que só espiritos doentes e imbecis podem aceitar.

Acostumamos-nos, de ha muitos seculos, com a religião católica que hoje, seja dito em honra do clero, mais tolerante do que outr'ora, não nos incomoda.

Os padres são bons rapazes e já não nos ameaçam com as penas do inferno ou do purgatorio, por não irmos à missa ou à confissão.

Pelo lado espiritual, portanto, todos andamos satisfeitos.

Os reverendos fazem o seu negocio, que nada perdeu com a separação da Igreja do Estado e nós tratamos do nosso, meio material, é verdade, mas absolutamente necessário para as necessidades da vida, que não são poucas!

A gente, afinal de contas, não vive de rezas.

Mas na hora da morte...

Ora, na hora da morte eu mando chamar o Reverendo Scaligero Maravaglio que, alem de ser um bom padre é um excellente collega e vou, estou convencido, direito como um fuso para o Paraíso.

E se assim não o fosse, seria uma injustiça.

Todos sabem os bons serviços que prestou o « Apostolo » à causa da humanidade, ultrajada por esses monstros da tal *legalidade*, fustigando-os com a maior energia e sendo o primeiro a romper o fogo contra os autores de tantos crimes.

Nunca o *clama itaque*, *clama ne cesse* foi tão bem applicado! Clamou deveras, o collega.

Pelo nosso lado, e com o mesmo sentimento patriótico adoptamos igual divisa:

Pancadaria itaque, *pancadaria ne cesse*.

E demos muita pancada!

E o « Apostolo » abraçou o « Don Quixote ».

Isto lembrou-me as cruzadas em que padres e cavalleiros fidalgos abraçavam-se e combatiam pela santa causa.

O caminho do patriotismo abriu-nos o caminho de Céo, diz Sancho Pança.

Amen, digo eu, contando obter do padre Maravaglio o melhor dos passaportes para lá poder entrar.

Desejo, porém, embora não agrade ao collega, que seja o mais tarde possível.

Estando pois perfeitamente tranquillo sobre o futuro da minha alma e comprehendendo que assim como eu, tambem devem estar tranquillos todos os bons patriotas e homens sérios a que vem a tal religião positivista fazer entre nós onde não é chamada?

Eu lhes digo:

Dar uma falsa noção de tudo quanto é humano e natural; estabelecer leis anti-sociaes e contrarias aos nossos costumes e até ao bom senso; perturbar completamente o espirito de alguns e mesmo de muitos imbecis, pois que o numero destes têm augmentado de um modo pavoroso, desde que, em mà hora, o tal positivismo veio importado da Europa por dois moços, embora illustrados mas de miolo molle, um dos quaes, o de melhor estampa, tomou o titulo de Papa e o outro pequeninosinho e rachitico de... bispo, creio eu.

A principio, ligou-se pouca importancia a esses dois jovens apostolos, mas...

Mas, infelizmente, a precocidade intelectual da nossa mocidade por demais se parece com a fertilidade extraordinaria do nosso solo.

Se empregamos grandes esforços, na lavoura, em livrar as plantas productoras, como o café e outras das más hervas que as rodeiam, por meio de repetidas capinagens, o mesmo trabalho devemos ter em relação a tal religião positivista, verdadeira tiririca, que estraga esta mocidade, sobre quem fundamos as nossas esperanças de um melhor futuro.

Se o tal positivismo não produzisse senão uma loucura inoffensiva e em nada incomodasse a nossa vida social e política, limitar-me-hia a lastimar os infelizes contaminados dessa molestia.

Mas é que o negocio é outro. A politica metteu-se no positivismo ou este n'aquella, e o resultado foi estragar completamente o senso moral e a verdadeira noção do que é dignidade e amor à patria.

A especulação politica é que devemos esse bello resultado! Ela encontrou, nos positivistas, um excelente exercito de engrossadores a quem fez acreditar que o verdadeiro patriotismo não pôde existir sem a desordem e o derramamento de sangue!

A tiririca cresceu e até demais!

Parece-me pois, que uma boa capinagem é necessaria.

Uma vez depositas as armas no Rio Grande do Sul, uma vez feita a paz, que só será duradoura se reformarem a tal constituição positivista do Sr. Castilhos, é preciso que do Norte a Sul, todos peguem na enxada e se deem ao trabalho de capinar o tal patriotismo que tanto estrago já causou ao caracter da familia brasileira.

Quanto ao *Espirito*...

Outra loucura que se não abrem os olhos, obrigarão o governo a aumentar o hospicio dos alienados de vinte vezes o seu tamanho.

Em muitas occasões fui convidado para as

sistir a sessões de espiritismo, mas nunca lá puz os pés e por muitas razões.

Uma dellas, é que, a maior parte das vezes, foi o Torterolli que me convidou. Não conhecem o Torterolli? Devem conhecê-lo.

Não ha reuniões, nem festas, nem inaugurações, onde elle não appareça logo que ha boa mesa. E tambem não ha nada que não desappareça das iguarias e petiscos que se acham em redor delle até 5 metros de distancia.

Para um espirita, realmente, tem um bom estomago. O espirito de Lucullus deve ter sua séde na pança deste moderno Gargantua.

O ultimo lunch que elle devorou, á minha vista, foi o do collega e affilhado *Rio de Janeiro*, no dia da inauguração.

Fiquei, ou antes, ficámos todos espantados! Isto é quanto ao estomago; quanto ao phisico e quanto á cara!...

Eis a minha ultima conversa com o grande propagandista do espiritismo e engulidor de pasteis de Santa Clara:

— Venha, ao menos uma vez assistir ás nossas sessões!

— Tenho mais que fazer do que estar a perder tempo em borracheiras destas. Eu não acredito que você, como diz, tenha o poder de invocar espiritos e que estes lhe appareçam.

— Mas porque?

— Porque! Porque basta elles olharem para a sua cara e para o seu todo para fugirem espavoridos!

Torterolli não pestanejou. Pelo contrario: abrindo a boca até as orelhas no mais... torterolico dos sorrisos, que eu aguentei sem fugir, elle respondeu:

— Você é dos diabos!

A.

BRINDE NACIONAL

« A commissão abaixo assignada, tendo expedido pelo telegrapho a circular infra publicada, com endereço a cada um dos dignos e honrados Srs. Governadores e Presidentes dos Estados da União, pede a toda imprensa d'esses mesmos Estados a valiosa fineza de transcrever-a em suas columnas, assim coadjuvando aquelles illustres cidadãos no conseguimento do apoio que por esse instrumento lhes foi solicitado por esta commissão.

Tratando-se de uma homenagem justa por todos os titulos, da qual não irradiam-se outros sentimentos que não sejam os do alevantado e desinteressado patriotismo, a commissão dirige este appello a toda a imprensa, a todos os orgãos da opinião publica, porque acha-se convencida que em relação à Paz, e conseguintemente em relação ao congraçamento da Familia Brazileira, não podem existir idéas divergentes, sejam quaes forem os matizes e credos politicos de cada um, e, sendo o assignamento desse feito altamente benefico o exclusivo objectivo d'este appello, nenhuma excepção se faz permitida perante o conceito da commissão.

Agradecendo antecipadamente, e em nome da Patria, todo o apoio com que a commissão for honrada, esta faz publicar a mencionada circular:

« Rio de Janeiro, Agosto de 1895.—Cidadão governador do Estado de...»

Tendo os abaixo assignados acceptado o honroso encargo de promover em toda a Republica uma demonstração que symbolise a gratidão nacional pelo relevantissimo serviço prestado á nossa patria pelo seu benemerito presidente Dr. Prudente José de Moraes e Barros, levando a effeito a paz e o congraçamento da familia brazileira, por tanto tempo enlutada com a guerra civil no glorioso Estado do Rio Grande do Sul, cabe-nos a satisfação de vir á vossa presença solicitar o concurso de vosso alevantado prestigio junto ao patriotico povo d'esse Estado, afim de que, nomeando nessa cidade e no interior commissões parciaes, estas promovam a subscrição publica, tendente a auxiliar-nos com a quantia que dictar o seu patriotismo, e com tal elemento operarmos a aquisição de um brinde nacional, que perpetue a lembrança de tão assignaldo serviço.

E' nosso intuito adquirir por este meio um predio que relembré amanhã ao cidadão Dr.

Prudente de Moraes, em modesto retiro, a obra ingente elaborada no palacio Itamaraty, na auspiciosa data de 23 de agosto de 1895, parecendo-nos justo dar à subscrição publica a maior latitude possível para que de sua grandeza moral resulte a solemnidade consentanea com o acto a commemorar.

Contando que a nossa idéa merecerá vosso pleno apoio e dedicado concurso, desde já nos confessamos agradecidos e nos assignamos.

Vossos concidadãos e admiradores. — A commissão: Marechal J. de Almeida Barreto, presidente. — Dr. Serzedello Corrêa, 1º vice-presidente. — Dr. Xavier da Silveira Junior, 2º vice-presidente. — Carlos Leite Ribeiro, tesoureiro. — Capitão de fragata Joaquim Raymundo de Lamare, thesoureiro. — Camara Syndical dos Corretores, por seu syndico. — Antonio Pereira Leitão. — José do Patrocínio. — Dr. Fernando Mendes de Almeida.

A CIGARRA

O brilhante confrá le apresenta-nos em sua primeira pagina (do n. 48, publicado quinta-feira ultima) o seu novo director, o distinto jornalista José Barbosa, que vem ser mais um elemento de sucesso para o collega.

Nas outras paginas o lapis primoroso de Julião consorcia-se à pena esfusiente do grande phantasista Olavo Bilac, resultando d'ahi mais um brilhante numero do nosso collega e vizinho.

TELEGRAMMAS

(SERVIÇO ESPECIAL DO « D. QUIXOTE »)

TONY A LÉO

Ouviste fallar Esteves Junior fez discurso Senado?

LÉO A TONY

— Ouvei, fiquei surprendido; pensava era mudo nascente.

TONY A LÉO

— Dizem sucesso oratoria extraordinario. Leste?

LÉO A TONY

— Li cabo rabo, sei pedaços de cór saltado.

TONY A LÉO

— E concluiste?

LÉO A TONY

— Que senador Esteves Paraná está estudando portuguez grammatica Alfredo Gomes.

TONY A LÉO

— Vou contar Cosme Lact Moraes tu abusando propriedade exclusiva sua.

LÉO A TONY

— Intrigante!

TONY A LÉO

— Quem? Esteves?

LÉO A TONY

— Não! Tu mesmo!

*O estacionario,
ORÓ WESTERN.*

THEATROS

• Vai mal, muito encaiporada a epocha para as empresas theatraes da terra:

A actriz Ismenia, cansada de esperar pelo publico ingrato, deu folga á sua companhia e passou a outras mãos a chave do Variedades. Nem os tiros do Aquidabán puderam salvá-la!

Dias Braga, que ao fundo da rua do Espírito Santo, imperava desde ha muitos annos com uma companhia dramatica regular, tambem sentiu-se fatigado de esperar pelo publico rebelde... e passou as chaves da casa a outrem.

Aliás o publico lá tinha suas razões para andar amuado com o Dias: os Castellos do

Diabo, Montes Christos e quejandas velharias não podiam mais atrair interesse ás representações do antigo Recreio.

A companhia da actriz Pepa, apezar dos 18 papeis d'esta actriz e do seu exercito de admiradores, tambem degringolou, fechando-se as portas do Eden-Lavradio.

Pouco antes havia cessado de funcionar a associação que reabriu a Phenix Dramatica, antiga, Theatro Nacional, placa, dispersandose a troupe para augmentar o numero dos artistas desocupados.

Quer dizer: vai mal, muito encaiporada a epocha para as empresas theatraes da terra!

* * *

E' que com as estrangeiras não se dá o mesmo. Antes pelo contrario, navegam em mar de rosas.

As duas companhias portuguezas só encontram um concorrente sério: Frank Brown, que todas as noites inunda de agua o S. Pedro de Alcantara, e de notas do banco as vastas algibeiras da sua vestimenta de clown.

Uma no Apollo, outra no Recreio, vão ambas recolhendo as *toureas* — tanto como os louros — tão esquivas e arredias das pobres companhias indigenas.

A troupe do Apollo, essa ainda tem variado algum tanto seus espectaculos, com as peças desopilantes de Ed. Schwalback; a do Souza Bastos, porém, dá-nos em um dia *Sal e pimenta* e no outro *Pimenta e sal...* tudo para variar.

No lyrico, uma companhia dramatica italiana, composta de elementos bastante apreciaveis e possuindo uma primeira actriz de grande merito, tem passado a semana inteira a representar o *Othelo*, a *Dama das Camelias*, a *Messalina*, para as cadeiras vasias e para os camarotes desertos.

Uma solidão contrastadora, profunda, tristissima, em toda a vasta sala do theatro do Sr. Bartholomeu!

De onde provém essa falta de sorte? Ouvei dizer algures, por um individuo que lê nas linhas do incognoscido e pratica o espiritismo, que o caiporismo decorre do nome da primeira actriz da companhia Modena...

Para elle, esse nome é de especial embirra; e então elle conclue:

— Se eu fosse actriz e me chamasse Tiozzo, mettia-me freira... ou fazia-me tachigrapho dos discursos do deputado Luiz de Andrade!

* * *

Em todo caso, com mais alguns dias de paciencia e de espera, a companhia italiana terá occasião de ver o theatro lyrico completamente cheio e as suas representações fartaamente concorridas.

E' que depois de Shakespeare, de Pietro Cossa, de Dumas filho, de Sardou e de outros autores de mediocre importancia, a empreza teve a feliz ideia de emendar a mão e enriquecer o seu repertorio... com a *Dansa serpentina*!

E porque não a *Dansa do Ventre*? Olhem que esta idéa de *Othelo* com *Dansa serpentina* é de fazer exclamar como o *José do Capote*: o profano enrodilhado com o sagrado! Mas que se lhe ha de fazer? O publico assim o quer — que assim o tenha.

* * *

Duas novidades: a actriz Emilia Adelaide, fatigada de estar fóra do theatro ha uns bons pares de annos, montou companhia e aposou-se do theatrinho Variedades, onde estreou com o drama a *Padeira*.

Já é coragem! Nos tempos que correm, e com o Frank Brown pela frente com os seus concomittantes 80.000 litros de agua, a resolução da provecta actriz tem algo de sinistro e faz-se suspeita, como se ella — ella, a actriz e não a resolução — tomasse uma barca Ferry e deixasse na ponte a *mantelette* e mais umas linhas a lapis, recommendando que a ninguem fosse attribuida a causa de sua morte, se não ao mar... Cheira a suicidio, a duas leguas de distancia!

E é por isso mesmo, por admirar tão grande rasgo de heroismo, tanto arrojo, tanta coragem e tanta serenidade, da parte d'uma senhora, que d'aqui d'estas estreitas columnas

lhe desejo os maiores favores da sorte, e que a sua *Padeira* dé-lhe pão para largos dias. Merece-o.



Ia-me esquecendo a outra novidade. E olhem que perdiham, se a lhes não désse eu. E sómente isto:

Como maior successo theatrical da epocha, representou-se no theatro Lucinda d'esta capital, e no dia 7 de Setembro d'este anno da graça em que vamos caminhando para 1896, o importante e novissimo drama intitulado

A MORGADINHA DE VAL-FLOR.

E para maior attractivo e para acrescer-lhe o valor como novidade, encarregou-se de interpretar a parte de protagonista, pela primeira vez, a distincta e preclara actriz Ismenia dos Santos.

O meu amavel leitor — não terei um, pelo menos? — que não desmaie nem vá enlouquecer de surpreza e de espanto. Ha cousas por esse mundo fóra, mais exquisitas e mais atterradoras.

TONY.

A NOSSA ESTANTE

Temos recebido, e agradecemos:

Brazões, versos do estimado poeta B. Lopes, um artista singularissimo e finamente exquisito. Fallaremos algo a respeito, em nosso proximo numero.

Relatorio apresentado á Companhia de Viação Ferrea e Fluvial do Tocantins e Araguaya, pelo seu presidente, Sr. Guilherme de Meirelles Vianna.

José Basilio da Gama, commemoração do *Jornal do Comercio* em honra do centenario do imortal poeta do Uruguay. Foi escripta pelo Sr. Felix Ferreira.

Archivo do Distrito Federal, numero 9, correspondente ao corrente mes de Setembro, interessante publicação do paciente esmerilhador de bibliotecas, Dr. Mello Moraes Filho.

Quarto livro de leitura para uso das escolas brasileiras, composto pelo fidalgo barão de Macahubas com a collaboração de seu digno filho, o Dr. Joaquim Abílio Borges. Edição luxuosa feita em Bruxellas.

Urugay-Brasil, numero especial da Ilustração Sul-Americana, dedicado pela comissão militar brasileira à comissão militar do Urugay. É uma tradução para o castalhano feita pelo distinto jornalista Cassio Farinha, que, radicado na Republica Oriental e conhecendo bem aquelle idioma, foi pelo presidente Idiarte Borda encarregado de realizar tal trabalho, e como acto de galantria e agradecimento ao governo do Brazil.

Favorito, tango por Ernesto Nazareth, que o dedicou à Exma. Sra. D. Marietta Nazareth; *In Dubio* (Em dúvida) walsa de J. G. Christo; — ambas as composições impressas na casa dos editores Vieira Machado & C.

O Nicromante, anno 1º n. 1, jornal que compra-se mas não se vende, — o que já é um programma curto porém bom. Traz nas paginas centraes um quadro allegorico à celebração da paz no sul. Saudam-lo e lhe desejamos aquellas cousas do costume.

Planta Geral da nova capital de Minas, executada pela comissão constructora, sob a direccão do Dr. Afonso Reis. Bello trabalho, que obedecendo ás leis e preceitos que regem as modernas construções, com as suas ruas diagonaes, excelente e adequada assinalação para o hyppodromo, para o cemiterio, etc., dá a justa medida da competencia de quem o executou.

Tambem recebemos:

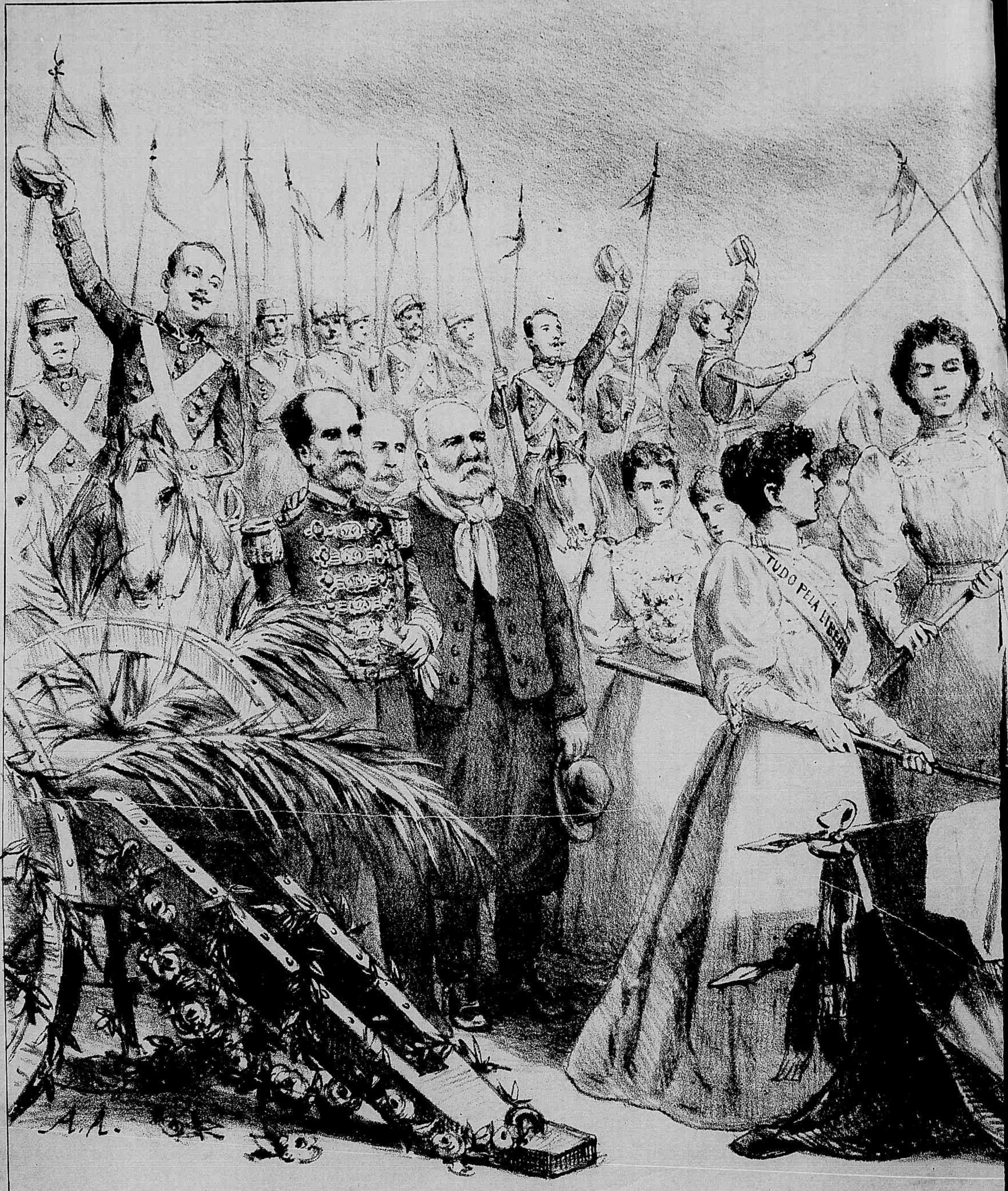
Uma caixa de superior agua mineral *Johannis*, enviada pela casa da Viuva Wenceslao Guimarães & C. Já se percebe que essas garrafas não foram destinadas á nossa estante; e no momento que é, e com o destino que lhes demos, já nos sentimos quasi curados de uma dyspepsia traíçoeira que nos affligia.

Varios convites para bailes, entre outros, o do Gremio Mozart, que esteve magnifico, e o do High-Life Club, de que nos deram as mais lisongeiras noticias, os que puderam lá ir e não estiveram impedidos — como nós.

Segunda Exposições (2)



Aos poderes públicos e à imprensa, honra pela animação a arte.
*Aos artistas expositores - um bravo!



Festa da paz do Rio Grande do Sul, em Pelotas, no dia 23 de Agosto de 1851

Tres jovens, empunhando as bandeiras da União, do Estado e da Revolução, entoaram
da paz. Em sequida, saõ depositas as armas, entre entusiasticas aclamações.



95, segundo telegramma recebido de Porto Alegre.
nos fraternalmente, enquanto outra, representando o termo da luta, cobre-as com a bandeira



A altitude energica e digna do Governo, que tão bem sustentou os nossos direitos, sobre a Republica, fizeram com que a Inglaterra se curvasse diante de tão justo protesto.

a ilha da Trindade



sobre a posse da ilha, o sentimento patriótico que manifestou o povo brasileiro em defender a
protestos.